

**O “ENSINAR A FILOSOFAR” E O FILOSOFAR SOBRE A SEXUALIDADE -  
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A FILOSOFIA ENQUANTO  
PROCESSO CRIAÇÃO CONCEITUAL DE GILLES DELEUZE & FÉLIX  
GUATTARI E O CORPO LASCIVO EM MERLEAU-PONTY.**

Diego Luiz Warmling  
Filosofia/UFSC

Logo cedo no curso de licenciatura em filosofia são lançados alguns desafios bastante peculiares no que tange o ensino desta área do conhecimento. A começar por dinâmicas em disciplinas como Organização Escolar, Seminário de Ensino em Filosofia e Metodologia de Ensino de Filosofia (já nestas disciplinas os professores nos propunham trabalhar com aulas ensaiadas onde simulávamos as dinâmicas encontradas de uma sala de aula), é, porém, durante os Estágios Supervisionados que estes desafios apresentam seu aspecto mais concreto, a saber: “é possível ensinar filosofia no ensino médio? Se possível, como isto pode acontecer?”.

Diante de provocações como estas, ao licenciando fica por si só evidente como é difícil responder tais perguntas de maneira direta e objetiva, pois questões deste escopo muitas vezes não passam de puras abstrações e, por isto, exigem sempre certo grau de parcialidade a quem opta por respondê-las. Deste modo, assim como os grandes dilemas inerentes à disciplina, fazer filosofia dentro de sala de aula se constitui, por si só, como um grande problema ao pensamento crítico; quiçá um dos maiores! Sendo assim, partindo não só de meus relatos em sala de aula, mas também do que Gilles Deleuze e Felix Guattari dizem sobre a filosofia em *O que é a Filosofia?* Num primeiro momento deste ensaio tenho por objetivo responder as questões acima dizendo que o filosofar é, antes de uma abordagem historicista, um processo ativo de construção e desconstrução, criação e recriação conceitual; onde, por sua vez, ao professor cabe a tarefa de instigar o pensamento crítico.

Seguindo este íterim, tal qual sugere o próprio título, na tentativa de pensar como a temática da sexualidade pode estar inserida dentro de sala de aula, além de tentar dar conta de questões como as anteriores, a partir do que articula Maurice Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção* (mais especificamente no capítulo intitulado “O corpo como ser sexuado”), proporei o seguinte problema: “é possível trabalhar a sexualidade no ensino de filosofia?”. Partindo, portanto, do que podemos entender como um diálogo entre Merleau-Ponty e Deleuze&Guattari, num segundo momento direi, então, que a sexualidade se constitui como um tema bastante prolífero a ser trabalhado em sala de aula pois, enquanto movimento de expressão singular compreendido na nossa própria existência, pressupõe uma série de temas paralelos que, por si só, aludem a um processo de construção e reconstrução do próprio sujeito – o que, por sua vez, desemboca não só numa dinâmica de percepção, formação, desconstrução e inserção social, como também num processo de identificação existencial que à filosofia é tão caro.

**Palavras chave:** sexualidade, criação conceitual, ensino de filosofia.